

# Ô ABRE ALAS, QUE A GENTE QUER PASSAR

DENISE GABRIELLE

»»» “Maria Sapatão, Sapatão, Sapatão/De dia é Maria/De noite é João” é uma marchinha de carnaval da década de 80 que se popularizou na voz de Chacrinha. Em 2017, foi proibida nos bloquinhos de carnaval por ser considerada machista e lesbofóbica.

A festa popular de rua que surgiu no século XIX e que foi inspirada em bailes de máscaras franceses, se transformou muito até se tornar o que é hoje. Desde sua origem o carnaval foi caracterizado como um evento de liberdade e momentaneidade que acontece na rua, sempre comemorado por pessoas de todas as classes sociais, por isso a democratização e o viés político estão presentes nesse feriado. Principalmente a partir de sua retomada nos últimos anos, com a forte crescente da popularidade de blocos de rua.

“Olha a cabeleira do Zezé/Será que ele é?/Será que ele é?”, é outra antiga marchinha polêmica que inspirou Paola Valentina Xavier dos Santos, produtora do Museu da Diversidade Sexual, ao nome de uma exposição LGBTQI+ e posteriormente criação do bloco “Será que É?”. Não apenas pelo nome, mas também com propósito. Paola explica o porquê da junção da festa de carnaval com manifestações políticas: “A cultura pode ser divertida e pode ser séria. Trazer este bloco para a rua é um manifesto necessário. É um manifesto que diz ‘Estamos aqui, independente da ocasião. Seja carnaval, paradas, dia a dia. Existimos e a gente continuará existindo cada vez mais’”.

Além do argumento forte, os blocos feministas e LGBTQI+ procuram trazer um diferencial: unir pessoas que se identifiquem e propagar a segurança das minorias, como conta Carolina



Regina Volpato, a madrinha do bloco ‘Será Que É?’ | FOTO ADRIANA DE MAIO

Ferrari, uma das criadoras do bloco Vai Com as Profanas de Brasília e assídua frequentadora de blocos de carnaval: “Quando a gente criou o bloco nosso objetivo era oferecer um espaço em que nada disso [assédios e LGBTfobia] acontecesse e que de fato todos pudessem estar tranquilos curtindo a festa”.

Neste ano aconteceu o primeiro carnaval após o sancionamento da Lei de Importunação Sexual, que pode causar pena de um a cinco anos. Porém, segundo a Secretaria Estadual da Segurança Pública de São Paulo, aconteceram 571 denúncias de assédio durante o carnaval 2018, com aumento 25 casos em relação ao ano anterior. Em 2019, os dados não foram divulgados. Sobre esse desconforto, Carolina continua: “Na última edição que eu fui, o ambiente era majoritariamente masculino, com muito assédio com uma sensação de insegurança permanente, que não me permitia relaxar e me divertir.”

Além disso, é legal ressaltar que não somente as mulheres tem

receio de ir a algum bloco de carnaval sem antes descobrir os ideais que o evento promove. Charles Santos frequenta o carnaval de rua há três anos opina “em bloco hétero tem muita briga, confusão além de ser mais cheio. E nos blocos LGBTQI+, a gente se sente mais livre. Nesse ano eu fui em cinco e em três deles eu fui de saia de tule. E foi tranquilo. Se eu fosse assim em um bloco hétero, eu teria medo de correr riscos de ter confusão e briga”.

Levando também em consideração o bem-estar, os blocos ativistas representam o movimento popular e a oposição à cultura elitista por acontecerem na rua. A estudante Gabriela Moraes, que frequenta blocos políticos há quatro anos, se posiciona: “O legado do carnaval é justamente motivar as pessoas a ocuparem a cidade de forma a criar novas possibilidades e questionamentos para a nossa sociedade. Sendo assim, procuro acompanhar blocos que sigam tais ideais, dando preferência sempre a eventos organizados por mulheres”.

